

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
16 e 31 de Outubro de 2024
QUE FAREI EU COM ESTA ESPADA? - FUTURO

GÖTTER DER PEST / 1969 "Os Deuses da Peste"

Um filme de Rainer Werner Fassbinder

Argumento: Rainer W. Fassbinder / *Director de fotografia* (35 mm, preto & branco): Dietrich Lohmann / *Direcção artística:* Kurt Raab / *Música:* Per Raaben; o coral "Bist Du bei mir, gehe ich mit Freunder", de J. S. Bach / *Montagem:* Franz Walsch (pseudónimo de Rainer W. Fassbinder), Thea Eymész / *Som:* Gottfried Hünsberg / *Interpretação:* Harry Baer (*Franz*), Hanna Schygulla (*Joanna*), Margarethe von Trotta (*Margarethe*), Günther Kaufmann (*Günther*), Carla Aulaulu (*Carla*), Ingrid Caven (*Magdalena Fuller*), Jan George (*o polícia*), Marian Seidowski (*Marian*), Yaak Karsunke (*o comissário*), Micha Cochina (*Joel*), Hannes Gromball (*o director do supermercado*), Lilith Ungerer (*a mulher no primeiro café*), Katrin Schaake (*a dona do segundo café*), Lilo Pempeit (*a mãe*), Rainer W. Fassbinder (*o homem que compra revistas pornográficas*), David Morgan (*o lutador de catch*), Thomas Schieder (*Tommy*), os convidados: Irm Hermann, Peter Moland, Doris Mattes.

Produção: antiteater-X-film (Feldenkirchen) / *Cópia:* DCP, versão original com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / *Duração:* 91 minutos / *Estreia Mundial:* Viena (Viennale), 4 de Abril de 1970; primeira apresentação na Alemanha em 24 de Julho de 1970 / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca:* 2 de Maio de 2007, no âmbito do ciclo "Rainer W. Fassbinder – o Amor é Mais Frio do que a Morte".

Götter der Pest é a terceira longa-metragem de Fassbinder e o terceiro dos quatro filmes que realizou em 1969, quando contava 24 anos (os outros foram **Liebe ist Kälter als der Tod**, **Katzelmacher** e **Warum Läuft Herr R. Amok?**). Se estes foram filmes de "aprendizado" de Fassbinder, como diziam alguns críticos no passado, esta palavra só pode ser usada com muitas aspas, pois são obras de alguém que tem muito a dizer e sabe como fazê-lo. Na verdade, os primeiros filmes de Fassbinder marcam o começo daquilo que nos anos 70 seria chamado o *novo cinema alemão* (a "nova vaga" alemã, surgida dez anos depois das dos outros países), de que Fassbinder foi a personalidade mais importante. De meados de 1967 a fins de 1968, Fassbinder foi uma figura marcante no teatro *underground* de Munique, com o grupo Action-Theater, depois rebatizado antiteater, designação mais do que típica dos anos 1968 (a *troupe* aparece neste famoso ano em **Der Bräutigam, der Kömödiantin und der Zuhälter**, de Jean-Marie Straub). Na primavera de 1969, Fassbinder lançou-se febrilmente numa carreira de realizador. **Götter der Pest** dá testemunho do momento em que o antiteater se transforma num atelier de cinema, produzindo filmes que Fassbinder diria mais tarde terem sido "*feitos para mim e para os meus amigos*". Apesar dos desejos "coletivistas" do antiteater, a predominância da forte personalidade de Fassbinder faz-se logo sentir e já nesta época ele afirmava que um líder necessita menos de seguidores do que estes necessitam de um líder. E, de facto, as suas quase monstruosas capacidades de liderança e manipulação (características indispensáveis a quem quiser fazer cinema) ficaram patentes nos treze anos de sua carreira como realizador. E se muitos filmes são feitos para pagar as dívidas do filme precedente, para Fassbinder, lançar-se na realização de um terceiro filme num espaço de poucos meses, quando o dinheiro já faltava por todos os lados, foi uma maneira de manter unida a *troupe* do antiteater e ao mesmo tempo saciar a sua infatigável vontade de trabalho. Nestes longínquos tempos, numa verdadeira *troupe*, embora houvesse um chefe, as tarefas eram repartidas entre todos (os membros do antiteater não são apenas atores no filme), o que

permitia a Fassbinder trabalhar rapidamente. A título anedótico, esta foi a primeira longa-metragem em que aparece a mãe de Fassbinder (já a tínhamos visto na curta **Das Kleine Chaos**), com o pseudónimo de Lilo Pempeit, precisamente no papel da mãe do protagonista. "*Farás o papel, pois não posso pagar uma atriz da tua geração*", foi a sucinta explicação que lhe deu Fassbinder, depois de invadir com a sua equipa o apartamento onde ela vivia com o padrasto do realizador e onde ele nem sempre era *persona grata*.

Götter der Pest é de certa forma uma sequela de **Liebe ist Kälter als der Tod**, pois mostra a continuação das aventuras (das desventuras) dos personagens daquele filme: os dois filmes retomam uma estrutura narrativa tirada dos filmes de *gangsters* americanos, filtrados pela Nouvelle Vague francesa, com a clássica situação da mulher que acaba por trair o homem. Alguns actores de **Götter der Pest** serão membros importantes da "família" de Fassbinder, como Gunther Kaufman (o atlético negro, filho de um G.I. americano e uma bávara, com quem Fassbinder teve uma complicada relação), Ingrid Caven e sobretudo Hanna Schygulla. Por necessidade e por escolha, trata-se de um filme estilisticamente austero, em que Fassbinder tateia em algumas direcções diferentes, com a subjacente vontade de tudo começar a partir do zero, típica de qualquer jovem realizador. Não há nenhuma figuração, há uma clara escolha de planos-sequência e planos fixos, dois elementos de estilo que farão a beleza de **Katzelmacher**, talvez o mais conseguido dentre os primeiros filmes de Fassbinder. Há também um prenúncio do interesse de Fassbinder pelo *cabaret*, quando Hanna Schygulla aparece pela primeira vez, cantando em *play-back* uma célebre canção de Marlene Dietrich, num curioso prenúncio de **Lili Marleen**, que ilustra um tipo de cinema totalmente oposto, abertamente *mainstream*. Há a bela ideia de começar o filme com vozes *off*, o que faz com que o espectador leve alguns instantes a perceber que o personagem sai da cadeia e há a vontade de realizar alguns planos visualmente marcantes, "não-teatrais", como o *travelling* de abertura, em que vemos o rosto do protagonista que caminha ao longo de um muro, o *travelling* nas ruas da cidade, além dos planos da viagem em automóvel, filmados de helicóptero, curiosa extravagância num filme tão pobre em recursos financeiros e bem pouco típico do futuro cinema de Fassbinder. Acima de tudo, temos uma teia de relações sado-masoquistas típica da dramaturgia de Fassbinder, pois nunca é demais repetir que, para ele *o amor é mais frio do que a morte*, para citarmos o título do seu primeiro filme, que contradiz um dos mais célebres trechos do *Cântico dos Cânticos*, em que é dito que o amor é mais forte do que a morte. À diferença dos filmes realizados depois da descoberta de Douglas Sirk, cujos personagens Fassbinder considerava como "*os mais humanos do cinema*", estamos aqui diante de um drama que parece escapar por completo ao controle e à vontade dos personagens. Este aspecto aparece já no título do filme, que contém a ideia de fatalidade (deuses) e a de contaminação (peste). Este título é aberto a diversas interpretações. Os deuses espalham a peste, ou seja, os personagens são vítimas de um destino que os abarca a todos e ao qual não podem escapar? Ou serão estes miseráveis personagens "deuses" de um pequeno mundo que mais se assemelha a uma paisagem desolada pela peste? O que é certo é que o drama de **Götter der Pest** é muito mais vasto do que a história de um delinquente que sai da cadeia e volta a cometer delitos. É a história de um mundo onde não há redenção e onde o amor é impotente, é a história de um destino que se fecha sobre a sua vítima como numa tragédia clássica, mesmo se os "deuses" que regem este destino são humanos. Neste sentido, já temos aqui um prenúncio de toda a obra de Fassbinder, além de termos um precioso exemplo sobre o que se fazia de melhor nas margens culturais da República Federal da Alemanha, a Alemanha dos anos Willy Brandt, na passagem dos anos 60 para os anos 70.

Antonio Rodrigues